

A Mentira Patológica

Thiago zardo

Alceus Veredictus, vulgo "Alceu da XV", rua onde residia, era um sujeito de origem humilde, típico cidadão provinciano, alegre, mas pacato, cujos sonhos limitam-se pela própria natureza modesta do meio. E como todo típico interiorano, qualquer capítulo de novela saciava suas vontades de expansão intelectual.

No trabalho era visto como um apoucado, sempre no papel principal das chacotas dos companheiros, protagonizando invariavelmente as anedotas novas da semana. Um típico bode expiatório, daqueles que possui uma impressionante e invejável capacidade para agüentar as inflações escrotais diárias.

Detentor de um coração modesto e benevolente, até acostumara-se a ser a válvula de escape para as idiotices da repartição pública em que trabalhava.

Certa ocasião surge no trabalho de Alceus um bolão, essas típicas apostas grupais com o intuito de aumentar as chances nos jogos de loteria. O motivo era o acúmulo da Mega, há seis semanas sem nenhum ganhador. Um prêmio milionário, desses que satisfaz a avareza de qualquer desejo consumista. O valor mínimo para entrar no rateio era de dez reais, quantia que momentaneamente barrava a possibilidade de participação do apoucado jovem da rua XV no clã dos sonhadores milionários. E mais um motivo para as sinistras gargalhadas e rotos comentários de Demétrio, seu vizinho de frente de mesa na sala de trabalho. Típico exemplar de gigolô latino da terceira idade, que ostenta àquelas suíças inaparáveis dos tempos de Shopenheuer.

– Aí, "da XV", com esses milhões e você passa o da Vinci!

Até aquele ponto, o dissimulado rapaz não tinha refletido sobre facilidades que o dinheiro traria. Suas avarentas e luxuosas conquistas, seu poder de influência, acessos e comodidades. Nem suas complicações. Mesmo assim, retornando para casa ao fim do expediente, resolveu fazer uma fezinha. Uma única aposta.

Ainda faltavam dois dias para o sorteio e em todos os locais onde havia um ser pensante o assunto era o mesmo, nos bares, com seus apostadores etílicos, nas escolas, nos mercados, enfim; o assunto da semana. Cada apostador fazendo suas contas de gastos, compras e lucros.

No esperado dia do sorteio todos faziam suas mandingas, esdrúxulas simpatias e apelações aos santos e demais entidades existentes e inexistentes. Cada qual se agarrando como podia a uma força metafísica, de Exú a Madre Tereza. Alguns apelavam até para a cromoterapia, cristais, duendes e hipnose, astrologia, teosofia... Um verdadeiro festival do gnosismo anárquico tropical.

O resultado fora divulgado numa noite de Quarta-feira, em frente à TV todos conferiam suas apostas. Foi uma sucessão de "merda" entoada por toda cidade. Alceus, sempre desligado nem lembrara de conferir sua aposta, mas passara a noite inteira imaginando a hipotética e surreal possibilidade de receber o generoso prêmio. Lanchas para esportes aquáticos! Não, melhor um requintado e luxuoso iate cercado de modelos lindas, de preferência aquelas deliciosas opulências que abundam duplamente propagandas de cervejas! Viagens internacionais em companhia de lindas atrizes das

telenovelas! Em Roma com a gostosona da novela das seis, Paris ao lado da turbinada das sete, Grécia com a capa da última Playboy! Ferraris, Porsches, Mustangs! Colunas sociais, capas de revistas, entrevistas em publicações do gênero, tipo: "O mega empresário Dr. Alceus abre sua casa de veraneio para amigos ilustres e celebridades"! Demétrio estendendo-lhe um tapete vermelho na repartição para recebê-lo, com aquele sorriso e a frase: "meu ícone"! Flores, charutos e muito Champanhe! Livros e mais livros sobre sua vitoriosa e invejável biografia, com aquelas fotos cuja imponência do sorriso ostenta-se a superioridade porcina do cabotino e a falsa alvura cintilante dos dentes nada naturais: "Alceus Veredictus: A filosofia de um vencedor", ou "Como Conquistar o Mundo a Sua Volta com Apenas Alguns Milhões"! A noite inteira o nefelibata passara sonhando, mas acordado.

No dia seguinte, pela manhã, os funcionários da repartição notaram a ausência do pacato e alegre inspirador de gozações ao trabalho. Seria uma febre, um torcicolo, ou um surto repentino de preguiça? O jovem nunca houvera faltado um dia sequer!

Pelo jornal do meio dia a cidade recebe a notícia de que um único ganhador levava a bolada de milhões. E o mesmo vivia naquele Estado brasileiro. O jovem Alceus, que até aquele momento de sua vida nunca tivera uma idéia, cogitou:

– Se ninguém que conferiu até agora ganhou, e eu estou com um bilhete em mãos, por que não posso ser o afortunado? Uma única aposta. Aposta mínima de seis números. Uma chance em cinqüenta milhões e sessenta e três mil e oitocentos e sessenta possibilidades. Mas, por que não? Noventa dias para retirar o prêmio! Se levarmos em conta que um ganhador leva em média 15 dias para sacar o tesouro, para não dar bandeira, por que não?

Foi como se um prurido ininterrupto atacasse sua imaculada mente. Um comichão maroto, uma sanha para os sarros de outrora. Um impulso maravilhoso, nutrido com um peculiar gosto de vingança pelas zombarias.

O leitor já deve ter imaginado qual foi a perniciosa e única idéia do Gama. Pela primeira vez Alceus resolveu sair às compras. Ele, que possuía um guarda-roupa cabível em uma mochila escolar, inicia uma peregrinação pelas lojas da cidade.

– À vista ou a prazo? Pergunta-lhe a vendedora.
– Para uns quinze dias está bom.

Em seguida, resolve passar no mercado. Sai com uma compra um pouco espantosa para quem gastava mero meio salário. A notícia logo se alastra e uma pergunta martela a cabeça de muitos:

– Será ele o afortunado?

Alceus termina o dia gostando do ofício, compras e gastos como nunca fizera antes. Foi como libertar-se de uma masmorra, anistiar-se da obscuridade social. Ultrapassar os limites dogmáticos de pecados capitais. Para ele conferir o bilhete seria a confirmação do paraíso ou a passagem direta para o inferno. Melhor aproveitar, sem esquentar com sua consciência domesticada.

– Se os políticos, que deveriam ser os olhos do povo metem a mão sem dó para roubar, sem pensar nas conseqüências, por que não? No mais, se não ganhar é só pagar as dívidas!

Sara Dolres, vulgarmente conhecida como Sarita, funcionária da loja que Alceus fizera compra, ao término do expediente passara no Instituto Glória, salão de beleza de Glória Figurativa. E lá, além de fazer a mão e os pés também faz o fuxico sobre as compras do rapaz:

- Menina, sabe da última? Aquele rapaz, o Alceu da XV, fez hoje uma compra de quase duzentos reais na loja. Acredita?
- O quê, aquele pobre coitado?
- É, e me rendeu uma boa comissão, menina!

Glorinha, que não era tão menina como achava Sarita, enquanto esquentava o almoço para servir como jantar para o marido Efemérico Perpétuo, comenta:

- Benhê, sabe aquele rapaz, o tal da XV, então, a Sarita me contou hoje que ele gastou quase trezentos reais na loja dela!
- Cala a boca mulher, que eu quero ver os gols.
- Mas, Benhê. Ainda estamos no meio do mês e ele já gastou quase todo seu salário!
- E eu com isso? Cê sabe que eu odeio fofoca, mulher.

Efemérico Perpétuo, motorista do trator da prefeitura e que odiava fuxico, na pausa sagrada para um cigarrinho acompanhado de uma xícara de café, comenta:

- Glorinha me contou ontem que aquele tal "Venedito da XV" gastou quase quatrocentos reais em compra lá na butique. Cê acha se tem cabimento? Só pode estar metido com tráfico, o filho da mãe!

Rildo Santos, o único ateu da cidade e mecânico da prefeitura comenta:

- Olha Perpétuo, sei não. Mas meu irmão que trabalha lá no mercado disse que esse mesmo rapaz fez uma compra ontem que dá para uns três meses.
- É o faizme rir.
- O faz o quê?
- O faizme rir, Duença da Mega. Já vi isso uma vez, o bicho homem perde a noção das coisas, tem uns que se loqueia de vez – disse Ladislav Sinistro, vulgo Ladinho Sinistro, funcionário mais velho da prefeitura e motorista da ambulância.

Como uma epidemia viral, a notícia de que o antigo "Alceus da XV" era o novo milionário se espalha. O pequeno jornal da cidade estréia no dia seguinte com a manchete: "Ganhador da Mega é descoberto". "Um patricio, após conferir o resultado acumulado da Mega, gasta uma fortuna no comércio da cidade, mas prefere não se identificar."

Na casa de Alceus os telefonemas não param: seguradoras, vendedores, presentes, brindes. Em frente a sua casa, a rua fica repleta de rádios, jornais, repórteres, enfim toda a batutaia de cunho bajulador de plantão à sua espera.

- Alô, Dr. da Venedito, sabemos da sua dificuldade em conseguir privacidade, mas não estamos aqui para incomodá-lo e sim para ajudá-lo. Por isto estamos fazendo toda questão para que se junte ao nosso seletto grupo empresarial...

– Alô, é da residência do Sr. Benedito? Estamos ligando para parabenizá-lo e também para oferecermos todos os nossos serviços de atendimento vinte e quatro horas à sua disposição...

– Alô, aqui é da coluna social do jornal, gostaríamos de marcar um horário para fazermos umas fotos...

– Senhor da “XV”, gostaríamos de convidá-lo para um jantar particular em nossa residência, a ceia é paga, mas o dinheiro é para uma entidade beneficente, e também aproveitaremos para convidá-lo para ser sócio em uma nova fábrica de cosméticos para cachorrinhos de madames...

– Sr. Alceu, nós da associação comercial estamos ligando para informar-lhe que suas compras feitas esta semana no comércio da cidade é um presente, o Senhor não precisa se preocupar em pagar. E que daqui pra frente o Senhor terá um desconto vitalício, de desde que gaste uma merreca de...

Alceus até se animara com toda aquela bajulação capenga, sentira-se autoridade, demonstrava certo gosto pela balbúrdia frívola, até se repetia em frente ao espelho orgulhoso:

– Agora sou gente de verdade.

Mas com o término da primeira semana, era tal a parcimônia, o carnaval fora de época, jantares, festas, homenagens, que o atual "Doutor" começara a sentir falta do pacato e alegre Alceus da XV. Não daquela vítima dos disparates, mas do verdadeiro e nonado Alceus da XV. Aquele festival circense começara a tirar-lhe o sono. Sua consciência novamente começara a florir. Já não via tanta vantagem em ser aquilo que nunca foi. Não suportava mais tanto embuste e falsidade, tanta lassidão oferecida pelas súcias rodas da nobreza. Sentia-se uma mentira. Respirava mentira. Nem mais as aparições, as massagens de ego, as traulitadas bizantinas o satisfaziam.

As filas em sua casa aumentavam incessantemente. Eram romarias, peregrinações, flashes, pedidos de ajudas, como se ele próprio recebesse a missão divina de salvar o mundo. Estava nitidamente equivocado, estavam todos equivocados. Ainda nem conferira o resultado de seu bilhete! Ainda nem sabia se realmente era o ganhador!

– Dúvida, oh! dúvida! Será a dúvida uma vantagem? Somente eu sou o dono de meu futuro, somente eu; sou o portador de meu destino. Se eu sou milionário ou não, não faz diferença, mas sim o que pretendo ser. Ou será que não? Oh, dúvida.

Assim, após passar a noite inteira acordado, pensando sobre os absurdos humanos e suas conseqüências, foi que o pacato e alegre Alceus da XV resolvera seu destino. Decidira dar um fim àquela notícia.

Noutro dia pela manhã, convoca a imprensa para uma importante notícia, que seria revelada em uma coletiva à tarde. Logo, os mais afoitos tornam a notícia mais popular que a Coca-cola, cada qual com sua teoria a respeito do que seria revelado.

– Ele vai distribuir dinheiro, aleluia, meu Deus! – o mendigo Mixaria bradava.

- Ele é um Santo! – aclamavam as carolas.
- Ele quer se auto-promover. Tenho que estar no palanque. – Arquetou o então prefeito, Rosnei Obtuso.
- Eu sempre o amei, desde o jardim de infância, desde pequenininha... – suspirou a esnobe miss do ano, a *miss*tiça Mikome Kikura.
- Ele é um sábio homem – concluiu Demétrio.

Um parlatório digno de candidato republicano americano à presidência fora montado em frente a sua casa. Chegado o momento tão esperado, todos se acotovelavam, transeuntes, jornalistas, ociosos, madames, poodles e vira-latas. A cidade inteira estava presente e ansiosa. Todos esperavam as sábias palavras do novo messias. Salvadoras e sábias palavras.

Quem inicia o discurso é o prefeito Rosnei Obtuso:

- Senhoras e senhores, eu, no papel que me foi laureado por vossos votos, o de representante de vossos anseios, anseios esses de mudanças verdadeiras, e que não estamos medindo esforços para tal conquista, peço a atenção de todos, para esse momento histórico de nossa cidade. Uma salva de palmas para o Dr. Alceus!
- Senhores, gostaria de dizer uma coisa para vocês. Acho todos muito maravilhosos, agradeço por me proporcionarem tanta coisa boa nesses últimos dias.
- Você merece! – gritou Demétrio, da multidão.
- Como ele é lindo! – a miss suspirou.
- Obrigado, mas, infelizmente... É... Infelizmente eu... É...
- Calma senhores, é preciso muita coragem para essa decisão! – o prefeito Rosnei Obtuso.
- Uuuuu... – a multidão vaiava o excelentíssimo.
- Silêncio! – Rosnei Obtuso.
- É que... Perdi o bilhete.

A frase causara um silêncio gritante e insuportável, como se os olhos de Alceus fossem os próprios da Medusa. Os ínfimos segundos que se sucederam era como se o céu tivesse caído como um castigo Divino. O que logo acabou com a intromissão do Senhor prefeito:

- Esse Dr. Alceus tem mesmo um ótimo senso de humor, não é pessoal? – e meio de canto de boca – Pega agora desse ângulo fotógrafo, vai!
- É serio pessoal.
- Idiota! – Demétrio.
- Mentiroso! – Ladinho Sinistro.
- Eu nunca acreditei nessa história. – Rildo Santos.

Mais um silêncio fugaz paira, ocasionado pelas decepcionantes palavras de Alceus, até alguém gritar:

- Onde?
- Sr. Gastão, na sua Casa?
- No trabalho?
- Não sei, acho que aí pela cidade mesmo.

Infortunado rapaz. Foi só o que precisou para que toda aquela gente começasse uma escatológica baderna urbana em busca do bilhete. Correrias, atropelos, invasões, cotoveladas, gritaria e palavrões, vários palavrões para tudo e para todos. A cidade virou-se de cabeça para baixo. Todos os lugares que Gastão passara fora arqueologicamente peregrinado, revirado, escavado, esculhambado. Os astrólogos e adivinhos advogando em causa própria. Os matemáticos buscando o sonhado bilhete em equações logarítmicas. As carolas na fé. Os espertos na oportunidade. Muitas ofertas para o dono da gráfica falsificar o bilhete, vinte, trinta, cinquenta por cento. E assim por diante.

Pobre moçoilo, nem imaginara o que o feito traria. Claro que não queria aquele desvario coletivo. Que pena. Que trágico destino o dele, pensara. Nunca tivera intenção de causar mal a ninguém! Gastão não suportaria tal peso, tal prejuízo emocional.

Foi então que, aproveitando a calma em sua casa e o caos da cidade, Alceus sai pelos fundos da residência para nunca mais voltar. Levando apenas a roupa do corpo, a carteira e o bilhete.

Já longe dos tumultos, Alceus ainda olhara por alguns instantes o famoso bilhete, que não perdera como falsamente noticiou. Talvez sua passagem para os hiperbóreos, talvez sua caixa de pandora. Decidido, saca do bolso um isqueiro e atea fogo ao bilhete. Seus sonhos, loucuras, medos, desejos, fortunas e a dúvida esvaem-se na nuvem da fumaça. Fica Alceus, não o da grana, mas o da Veredictus, pacato e alegre. Pobre, mas livre. Coitado. Segundo alguns testemunhos do ocorrido, o néscio nunca mais jogara nem em bingo de quermesse.